

FAUNA

do noroeste
de angola

LUIS SALDANHA

Museu Bocage, Faculdade de Ciências de
Lisboa

SEPARATA DA REVISTA GEOGRAPHICA N.º 8

GEOGRAPHICA

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

ANO II — N.º 8 — OUTUBRO 1966

DIRECTORA: *Raquel Soeiro de Brito*

Orientação gráfica: *Licínio de Melo*

Propriedade, edição e administração da Sociedade de Geografia de Lisboa

Rua das Portas de St.º Antão — Lisboa-2 — Telefone 325401

Composto e impresso: «Orbis-Edições Ilustradas, Lda.» — Lisboa

sumário

2. FAUNA DO NOROESTE DE ANGOLA — Luís Saldanha
16. SERPA PINTO: ENCONTRO COM A FAMÍLIA COILLARD DURANTE A TRAVESSIA DO CONTINENTE AFRICANO (1877-1879) — Manuel Mendes
38. SETE CHAVES PARA ABRIR A CIDADE DE PRAGA — Jorge Listopad
57. TRAÇOS DA VIDA RURAL EM ALMEIRIM — Rui Castro Rosa e Eduardo M. C. da Silva
73. PAYSAGES ET CONTRASTES URBAINS DANS LES MINAS GERAIS (BRASIL) — Yves Leloup

CAPA: *Descasque de um sobreiro* — Fot. de Raquel S. de Brito

Os artigos são da responsabilidade exclusiva dos autores. Toda a correspondência relativa a colaboração, assinaturas e publicidade deve ser endereçada a «Revista Geographica», Sociedade de Geografia de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa-2.

Preço: número avulso, 27\$50 — Assinatura anual (Janeiro, Abril, Julho, Outubro): Metrópole e Ultramar, 100\$00 — Estrangeiro: ao preço é acrescido o porte de correio.



FAUNA

do noroeste
de angola



Anduo

LUIS SALDANHA

Museu Bocage, Faculdade de Ciências de Lisboa

De Quinlau a Ambriz encontramos, ao longo de quase todo o litoral, uma costa alcantilada, cuja altura chega, por vezes, a atingir cerca de 20 m e onde existem terraços marinhos com areias, argilas e calhaus rolados. No talude sobranceiro à praia de Ambrizete (e que é afinal a falésia, pouco elevada, que se estende ao longo da costa) colhemos alguns exemplares de moluscos fósseis (Cretácico) tanto gastrópodes como lamelibrânquios.

A costa é bordejada por uma longa faixa de areia que nalguns pontos atinge largura considerável, formando vastas praias. Não é raro encontrarmos aí grande número de ovos de tartarugas marinhas (um pescador disse-me que chegou a contar 320). Na altura da postura (aproximadamente em Novembro, como observei), esses répteis vão aí colocá-los durante a noite, em covas que escavam com os membros anteriores e que cobrem em seguida com a areia removida. Dos exemplares capturados pelos pescadores indígenas inferimos a existência de três géneros diferentes *Dermochelys*, *Chelone* e *Eretmochelys*. Vi algumas com dimensões apreciáveis. Só consegui conservar exemplares de *Chelone* e *Eretmochelys*. Perdi um espécime de *Dermochelys* de grandes dimensões porque a carapaça, impregnada de gordura, apodreceu rapidamente com o calor, sem me permitir a sua preparação.

Nas rochas da zona intertidal existe, como é natural, grande diversidade de fauna: peixes, desde os pequenos gobiídeos até às grandes moreias; moluscos gastrópodes (*Cy-*

praea, por exemplo) e lamelibrânquios; crustáceos decápodes (caranguejos) e cirrípedes (balanos); celenterados, como as anémonas; etc. Nas areias das praias vive enterrado um pequeno lamelibrânquio, a «quiteta» (*Donax*), que constitui alimento apreciado por negros e brancos.

Das aves marinhas que frequentam este troço de costa, consegui obter um exemplar jovem de *Morus capensis*, conhecido vulgarmente por «alcatraz».

O mar que banha a costa é rico em espécies ictiológicas, figurando os barracudas e os esqualos entre as que são perigosas para o homem. Raias de envergadura apreciável e garoupas vermelhas ponteadas a azul (*Cephalopholis*) são também frequentes.

Muitos peixes marinhos sobem os rios até grandes distâncias da foz. Segundo nos informaram, no M'Bridge, chegam a ser encontradas algumas espécies (provavelmente as mais eurialinas) a cerca de 20 km da foz. A 6 km para montante, já têm sido vistos esqualos e corvinas. Junto à foz existem, praticamente, todas as espécies marinhas lito-

(¹) As notas que se seguem são apenas parte do resultado de observações feitas durante dois anos de mobilização, em Angola, particularmente no Noroeste da província, e que, como não podia deixar de ser, dados os condicionaisismos a que me encontrava sujeito, se encontram cheias de lacunas.

Neste e num segundo artigo descreverei alguns aspectos, particularmente o zoológico e o etnográfico, da região do Congo que percorri operacionalmente, de Dezembro de 1962 a Fevereiro de 1965 e que fica compreendida, grosso modo, no triângulo cujos vértices são Quinlau-Ambriz-Toto. As «bases» onde permaneci longamente foram: Casa da Telha, que se encontra na estrada Ambrizete-Tomboco; Mucula, cerca de 30 km a norte de Ambrizete; Bessa Monteiro, 100 km a este de Ambrizete, na estrada desta localidade para o Toto; e por fim Ambrizete, onde tive a oportunidade, mercê de circunstâncias várias, de efectuar pequenas excursões inteiramente dedicadas às minhas investigações.

rais. As tartarugas também penetram no rio. Contaram-me alguns indígenas que, na época do cacimbo, os peixes de água doce da parte final do curso do M'Bridge se deslocam para a lagoa N'Saka, que comunica com o rio cerca de 5 km a montante da foz, e que na época das chuvas voltam ao rio. Talvez possamos atribuir estas deslocações — se são verídicas — ao facto de aumentar a salinidade na foz do M'Bridge, na época do cacimbo e de diminuir quando as chuvas aumentam consideravelmente o caudal do rio.

Na embocadura deste rio testemunhámos a captura de uma enorme garoupa (*Epinephelus gigas?*) de 181 kg de peso, pescada por um indígena, que utilizou apenas um delgado fio de *nylon* e uma amostra com dois anzóis de tamanho médio. O animal foi vencido depois de hora e meia de luta e foi necessário o pronto-socorro militar para o trazer para Ambrizete!

Na época do cacimbo, e de noite, observei nas águas calmas da foz do M'Bridge grandes manchas luminescentes, fenómeno atribuível a protozoários. Verifiquei-o também quando nos deslocávamos ao longo das praias, sobre a areia molhada, e as nossas pegadas se tornavam luminescentes.

Junto à foz dos rios, nomeadamente no M'Bridge, encontram-se zonas de mangal, tendo como nota característica as longas raízes que se projectam de altos ramos até atingirem a água, dividindo-se, por vezes, antes de a alcançarem. Pude percorrer de piroga, umas vezes, outras numa embarcação estreita, os diversos canais que cruzam a floresta em várias direcções e, assim, admirei todo o seu exotismo e beleza. As pnalntas e palmípedes são aqui frequentes, podendo-se observar com facilidade diversas espécies de garças, egretas, aningas, pelicanos, e muitas outras.

Os pântanos que existem na foz do Lucunga não apresentam uma cobertura de mangal tão desenvolvida como a do M'Bridge, mas, em compensação, prestam-se à observação de animais bastante curiosos. Na maré vazia, o fundo de vasa fica, nalguns locais, literalmente coberto de moluscos univalves de concha alongada (ceritídeos), conchas que, depois de morto o animal, são ocupadas por paguros.

Deparam-se-nos, também, caranguejos de carapaça rectangular (*Uca tangeri*)—cujos machos possuem uma das pinças exageradamente desenvolvida — passeando às centenas pelo fundo e refugiando-se precipitadamente nos seus abrigos escavados na vasa, ao menor sinal de perigo. Aqui, teremos também oportunidade de observar o curioso perioftalmo, peixe de 10 cm a 15 cm de comprimento, que ora saltita sobre a superfície da água, ora passeia em terreno seco, e pode mesmo trepar a pequenos arbustos, graças à forma das suas barbatanas peitorais e à grande resistência que tem à asfixia. Os seus olhos têm a particularidade de poderem ver à distância, fora de água; são muito ágeis e difíceis de capturar. Encontraremos ainda, nestes pântanos, grande variedade de pnalntas, palmípedes, pica-peixes, abelharucos, etc.

Em todo o litoral, encontra-se um característico e curioso animal designado por «caranguejo-do-capim» (*Cardisoma*). Trata-se de um crustáceo de tamanho considerável, de pinças potentíssimas e bastante agressivo quando incomodado. Observei-o a distâncias apreciáveis da praia, por entre o capim e geralmente de noite.

Até cerca de 60 quilómetros para o interior a região tem poucas elevações e é coberta por savana intercalada com núcleos mais ou menos extensos de árvores e arbustos. O colossal embondeiro (*Adansonia digitata*) e os cactos candelabros (*Euphorbia conspicua*) são aqui os vegetais que mais ferem a atenção, seguindo-se-lhes as acácias. São vulgares os tufos de espinheiras geralmente impenetráveis para o homem. Não são aqui também invulgares os agrupamentos de matebeiras (palmeira do género *Hyphaene*), cujas folhas são utilizadas em cestaria, pelos indígenas. Da vegetação existente junto aos rios e lagoas, destacaremos as «mafumeiras» (*Ceiba*) de elevado porte e a palmeira de dendém (*Elaeis*). O tronco das primeiras é utilizado pelos indígenas para fabricar pirogas, escavando-o e dando-lhe forma apropriada; da segunda extrai-se o óleo de palma.

A sua riqueza animal é grande e só referirei aquelas espécies que se me depararam com mais frequência. É região de eleição de grande número de antílopes, dos quais, na

red-buffle dos Ingleses, que são perigosíssimas quando feridas, não ficando atrás do seu parente mais próximo, o búfalo cafre (*S. cafer*) que existe no Sul de Angola, e dele difere, principalmente, pela forma dos chifres, que são de base achatada, voltados para trás e mais curtos.

Durante a minha permanência tive, infelizmente, oportunidade de tomar conhecimento de dois casos de ataque, melhor diria de defesa, de pacassas feridas, de que resultou a morte dos «caçadores».

O primeiro caso passou-se com um soldado que alvejou um desses animais, que, apenas ferido, se refugiou numa mata de espinheiras. Como anoitecesse, o rapaz resolveu lá voltar no dia seguinte. Mal tinha chegado ao local, a pacassa ferida surgiu de entre as espinheiras, carregando-o com toda a fúria e transformando-o, rapidamente, numa pasta de carne e sangue. O animal sucumbiu em seguida sob as balas dos companheiros do morto, que, atônitos e sem tempo para reagir, assistiram a toda a cena.

O segundo caso passou-se com um negro que disparou sobre uma pacassa que estava presa numa armadilha e apenas a feriu. O animal conseguiu então libertar-se e investiu contra o indígena, que veio a morrer, com o crânio perfurado por uma cornada, meia hora depois de ter chegado ao posto de socorros de Tomboco!

Também são muito frequentes os javalis (*Potamochoerus*), dos quais se vêem com frequência fêmeas com os filhos (encontrei-os em Outubro-Novembro), estes de pelagem mais clara que os adultos e listrados longitudinalmente.

Falaram-me da existência de facocheros, mas nunca se me proporcionou a oportunidade de observar qualquer exemplar.

De porcos-formigueiros (*Orycteropus*) apenas tive notícia e vi fotografias de um exemplar capturado entre os rios Sembo e Loje, perto de Freitas Morna.

O principal carnívoro existente na região é sem dúvida o leopardo (não existem leões em toda a zona que percorri). É animal de hábitos noturnos que se nos depara, por vezes, de supresa, no meio das picadas ou no mato, quando viajamos de noite. Um dos nossos soldados teve uma aventura com um destes felinos, com consequências menos trá-

gicas do que as que relatei a propósito das pacassas. Como sempre, o «caçador» fere o animal e corre logo para ele. Este fê-lo exclamando: «Que lindo bicho!» (pudera... se «na santa terrinha» não há leopardos!). Quando chegou ao pé do felino, este ergueu-se de um salto e cravou os potentes caninos na coronha da espingarda que o soldado, rápida e instintivamente, colocara à sua frente. O animal mordeu com tal força que partiu um dos caninos superiores de encontro à arma. Acabou por ser morto pelos companheiros do «caçador».

Outro felino existente na região, bastante mais pequeno, mas igualmente bonito, é o gato-cerval (*Felis serval*).

Manguços (*Mungos*, por exemplo), que vemos em bandos e se domesticam com facilidade; hienas (*Crocuta*), que encontramos junto aos cadáveres «confraternizando» com os abutres; chacais, que andam geralmente acasalados, tendo eu observado que quando um era abatido o outro não o abandonava; ginetas, civetas, tais são as espécies que completam o quadro dos carnívoros que me foi possível observar.

A variedade de aves é infindável, com espécies de rara beleza, mas citarei, apenas, as mais vulgares e as que me despertaram maior interesse: perus-do-mato (*Bucorvus*), com plumagem negra e robusto bico negro sob o qual pende um papo vermelho; tuas (fam. *Otidæ*); galinhas-do-mato ou fracas (*Numida*); perdizes (*Pternistis*); rolas de diversas espécies; pequenos e coloridos colibris (*Cinnyris*); abelharucos (*Merops*) e rolieiros (*Coracias* e *Eurystomus*) de cores garridas; cardeais (*Euplectes*), vermelhos e negros na sua plumagem da época da reprodução; «cegonhas» (*Sphenorhynchus abdimii*); anduas cinzentas (*Corythaixoides concolor*); viuvinhas (*Vidua macroura*) de longas caudas; e corvos, de peito e ventre brancos, que encontrei junto ao litoral.

Gypohierax angolensis, chamada vulgarmente «bemba» ou «águia branca», é vulgaríssima em toda a região que percorri. É mais aparentada com os abutres do que com as águias, com que, à primeira vista, mais se assemelha.

Quem viajar de noite encontrará, além dos mamíferos de hábitos noturnos a que já aludi, grande número de aves que voam espa-

minha lista, coloco em primeiro lugar a palanca vermelha (*Hippotragus equinus*), por a considerar o mais belo antílope que vi. Observei-a inúmeras vezes, isolada ou em manadas, que atingiam, no máximo, uns dez indivíduos. Estão para mim em segundo lugar, pelo seu interesse, os «burros-do-mato» ou («coco»), nome dado na região ao *Kobus defassa* pelo facto de a fêmea, que não tem chifres, nos lembrar, pela forma e pela cor, um vulgar burro, tendo o macho, em contrapartida, longos chifres curvos e anelados; vi muitos exemplares isolados; o grupo mais numeroso que observei era constituído por um macho e três fêmeas; seguem-se os veados (*Tragelaphus scriptus*) de pelagem arruivada e dorso listrado e malhado de branco, que penetram nas matas, enquanto o sofo (*Redunca arundinum*) não o faz, vivendo nas zonas de capim pouco arborizadas; por fim, e caracterizado por ser o mais pequeno antílope que vi, citarei a cabra-do-mato (*Sylvicapra grimmia*), com o seu característico tufo de pêlos arruivados, entre os pequenos cornos rectos e anelados na base.

Não faltam também, nesta região, manadas de corpulentas pacassas (*Syncerus nanus*), o

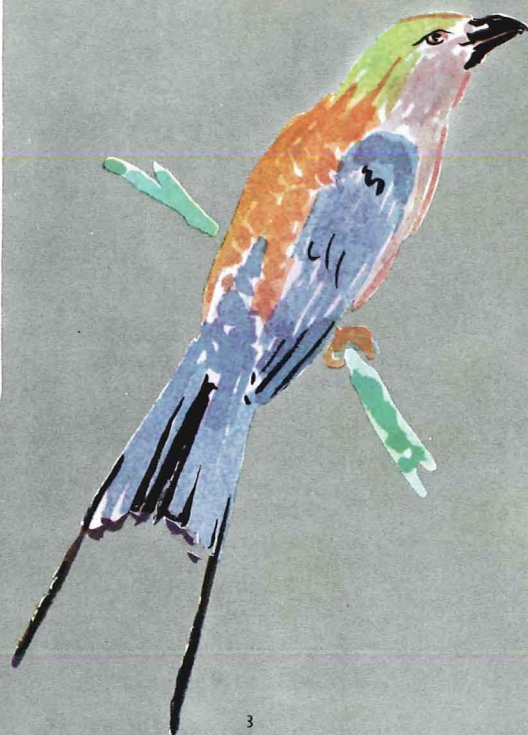
Trecho da floresta de Bessa Monteiro

Queimada





1



3



2

- 1 — Pico peixe
- 2 — Cardeal
- 3 — ~~Bombas~~ Relicivo
- 4 — Viuvinha



4

voridas com a nossa aproximação, quer esta se faça a pé, quer em viatura. Mochos, noitibós (*Caprimulgus*) e algarvões (*Burhinus*), de longas pernas e grandes olhos, foram aqueles que vi com mais frequência.

No rio M'Bridge e nas lagoas mais profundas que se encontram na sua margem direita e perto da foz, abundam os hipopótamos. De manhã cedo e ao cair da tarde são as horas em que mais facilmente os poderemos observar dentro de água, isolados ou em grupos constituídos algumas vezes por grande número de indivíduos. As lagoas, com a superfície coberta de nenúfares, animadas pela grande quantidade de aves aquáticas e pelos hipopótamos, oferecem-nos um espectáculo grandioso, que fica para sempre gravado na memória do viajante. Quem se encontrar numa das lagoas aos primeiros alvores da manhã terá diante de si um quadro de rara beleza: os pelicanos, ora voando em bandos dispostos em V, ora deslizando sobre a superfície espelhada das águas; os pequenos patos castanhos, chapinhando na água em busca de alimento; as elegantes garças reais e egretas brancas poisadas nas ilhotas de capim que se deslocam na lagoa; as aningas, ora emperdigadas e abrindo as asas sobre um tronco emergindo das águas, ora nadando nestas, deixando apenas de fora o comprido pescoço; as galinhas-d'água, de longos dedos, correndo por cima das folhas de nenúfar; os pica-peixes, pairando no ar e lançando-se bruscamente sobre a presa, qual projectil largado das alturas; um antílope que se dessedenta na margem; e por fim, como rei no seu domínio, o corpulento hipopótamo, resfolegando e brincando na água do seu banho matinal.

As margens destas lagoas, ora cobertas por alto capim, ora por espinheiras, são cruzadas por numerosos trilhos de hipopótamos, que conduzem de lagoa em lagoa e a «esplanadas» com sombra, às vezes sob frondosa vegetação, onde o animal dorme durante o dia. As pegadas impressas de fresco na lama do chão e os excrementos com forte cheiro a «estrebria», salpicando os arbustos que la-deiam o trilho, são indícios certos de que o animal se encontra perto.

As lagoas de pouca profundidade são locais predilectos de abundantes pernaltas: íbis com o seu característico longo bico; bandos

de flamingos (*Phoenicopterus* e *Phoeniconaias*), que, ao voarem, nos dão a impressão de tições alados (daí o seu nome); colhereiros (*Platelea alba*), de plumagem branca e bico em forma de colher; bicos-abertos (*Anastomus lamelligerus*) de plumagem negra, assim chamados por os bordos do bico não se ajustarem completamente, ficando parte dele constantemente aberto; jabirus (*Ephippiorhynchus*) de longo bico negro e vermelho, pescoço negro e plumagem branca e negra; além de muitas garças e egretas brancas.

Nos rios e lagoas não é raro encontrarmos crocodilos. Vimo-los ora estiraçados ao sol, nas ilhotas de areia do M'Bridge, «dormindo» de boca aberta, ora activos e dentro de água, em busca de presa. Numa das minhas excursões nocturnas capturei vivo um exemplar de pequenas dimensões, que ofereci ao Jardim Zoológico de Lisboa, juntamente com alguns cágados provenientes do mesmo local. Os ovos dos crocodilos, depositados nas areias das praias, dos rios, são muitas vezes devorados por um outro réptil, o sengue (*Varanus*), sáurio de grandes dimensões, que, segundo a crença dos indígenas, «ataca e vence» o crocodilo (informação que deve basear-se no facto de devorarem os ovos deste último).

Também aqui observei um quelónio de carapaça mole (*Trionyx*) e uns cágados (*Sternotherus*) cujas placas anteriores do plastrão formam uma peça que tem a possibilidade de se dobrar para proteger a cabeça retraída, funcionando como se fora uma ponte levadiça (foram estes exemplares que trouxe para o Zoo de Lisboa).

Dos ofídios existentes na região e que me foi possível observar, destaco as enormes jibóias, assim como as perigosas cuspideiras (*Naja*) e surucucus (*Bitis*).

A cerca de 60 km para o interior aumentam, em quantidade e altitude, os acidentados de terreno e começam a aparecer as florestas de tipo tropical (densa-húmida), que culminam na região de Bessa Monteiro e Tomboco. Estas florestas apresentam vários estratos de vegetação, sendo o superior constituído pelas árvores de grande porte e o inferior pelos musgos. Apresenta muitas plantas epífitas,

assim como grande número de lianas. O estrato inferior é, por vezes, constituído por gramíneas. Esta vegetação luxuriante contrasta com a existente nos grandes rochedos da região, que é constituída por várias espécies de líquenes e plantas xerófilas.

Na penumbra das florestas, elevam-se ninhos de térmitas, alguns de formas caprichosas, que variam segundo as espécies e lembram pagodes chineses de telhados sobrepostos, ou cogumelos de grandes dimensões, diferindo estes dos existentes na savana, que são mais atarracados e de chapéu mais largo; outros ainda são de forma arredondada, quando pendentes das árvores.

Nesta região, que é entrecortada por zonas de capim, encontraremos manadas de elefantes, de que é frequente depararem-se-nos os rastos na floresta, traduzidos por árvores derrubadas e ramos partidos, como se um *bulldozer* tivesse feito uma estrada na selva. Não são raros os exemplares de grande porte, senhores de presas de tamanho considerável.

Muitas das aves que encontrei nesta região são de plumagem vistosa, como, por exemplo, os pavões-do-mato (*Corythaedolus*), que se vêem em bandos, esvoaçando de ramo em ramo; as lindíssimas anduvas (*Turacus*), cuja plumagem é verde no corpo, vermelha nas asas e azul na cauda; pombos verdes (*Treron*), e ainda íbis (*Hagedashia*) de plumagem verde e asas azuis. Contrastam com a beleza destas espécies os calaus (*Lophoceros*) negros e brancos de bico grotesco, que baptizámos como «refilões» em virtude do seu grasnar, e as aves de rapina, como, por exemplo, a águia-de-crista (*Lophoetes occipitalis*).

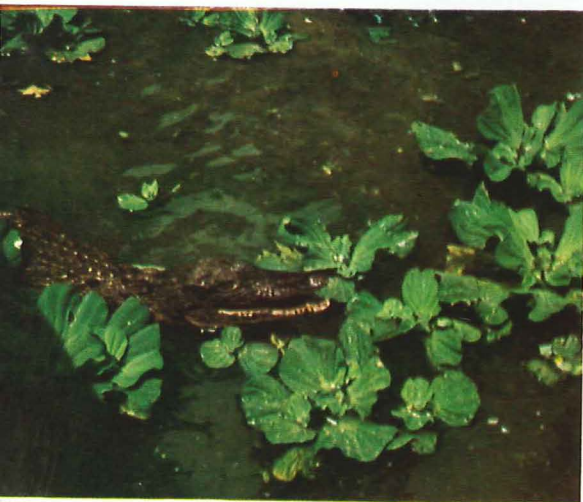
As trepadeiras de flores vermelhas, as borboletas de cores vistosas esvoaçando por entre a vegetação, os graciosos ratos-de-palmeira (esquilos) correndo com agilidade pelos ramos, são outras tantas notas que contribuem para a beleza da grande floresta, tanto em contraste com a da região das lagoas e foz dos rios que descrevi, mas ultrapassando-a pela imponência e solenidade do quadro.

As zonas de capinzal (savana) que intercalam com a floresta, originam a existência de muitos animais que não vivem, normalmente, numa zona de floresta contínua. É o



Raízes (Mangal do rio M'Bridge)

Caranguejos do capim (*Cardisoma*)



que acontece com as matilhas de mabecos (*Lycaon*). São animais que se podem tornar perigosos por atacarem e se defenderem em grupos. Uma das nossas patrulhas surpreendeu uma dessas matilhas, que logo se dispôs em semicírculo, virada para os importunos, rosnando e mostrando os dentes ao soldado que caminhava na frente. Felizmente que, com os disparos deste, a matilha se pôs em fuga, correndo velozmente.

Conservei vivo, durante algum tempo, um pangolim (*Manis*) que capturei quando este trepava a uma palmeira. Observei vários porcos-espinhos (*Hystrix*) que, ao fugirem, abriam os espinhos em leque, como se fossem pavões abrindo a cauda. Também se encontram nesta zona: leopardos, veados, pacassas e javalis, estes últimos menos fre-

quentemente. Abundam na floresta, assim como em toda a região que percorri, bandos de macacos (cercopitécídeos), que encontrei, ora saltando de ramo em ramo, uns atrás dos outros como que em fila indiana, as fêmeas com os filhos pendurados sob o peito e a barriga, ora correndo pelo capinzal.

Limitando a zona das grandes florestas, estende-se, cerca de 15 km a este de Bessa Monteiro, uma série de colinas que constitui a «cordilheira» do Quimabaia, orientada sensivelmente no sentido N-S e conhecida pelas suas palancas (*Hippotragus equinus*). Foi onde observei manadas mais numerosas (nunca mais de uns doze animais), correndo pelas suas vertentes.

Do Quimabaia ao Toto, o terreno é acidentado e coberto de savana que, no cimo, é pasto das chamadas das queimadas, como aliás sucede com todos os capinzais da região que conheci; mas, seguindo os cursos de água, também vemos verdejantes florestas em galeria, animando a monotonia do capim.

Os mamíferos, e de um modo geral toda a fauna aqui existente, são das espécies já descritas: pacassas, sofos, veados, burros-domato, javalis, leopardos, hienas, etc., etc.

Quebrando o acidentado do terreno, há também pequenas planícies particularmente propícias a quem quiser fotografar, ou mesmo filmar, a maioria dos animais que acabo de referir. Estes são abundantes e, com o capim baixo, pouco depois das queimadas, o operador não terá mais do que saber aproximar-se e utilizar a máquina fotográfica, suprimindo assim a eventual falta de uma potente teleobjectiva. O mesmo se passa com a planície de Mongatombe, entre Quibala e Ambriz, onde não é difícil encontrar magníficas palancas.

Convém recordar, nesta altura, que não tive a veleidade de descrever toda a fauna do Noroeste de Angola, como se estivesse fazendo um capítulo exaustivo de zoogeografia; para tal bastava colher e relacionar, pacientemente, todos os dados que naturalistas, caçadores e exploradores têm acumulado até hoje. Será, assim, de menor envergadura a resenha que apresento, mas toda ela é fruto da minha experiência pessoal.

Todas as espécies descritas foram por mim observadas e estudadas, tanto quanto me foi possível fazê-lo, dado, repito, o condicionismo aos deveres de ordem militar a que estava sujeito. Mesmo assim, tal condicionismo não impediu que tivesse caçado e preparado alguns espécimes e, em casos excepcionais, capturado com vida outros exemplares a cujo destino já aludi.

Um facto de grande importância ressalta desde já: a necessidade de protecção mais eficiente para tantas, tão variadas e belas espécies zoológicas que constituem uma enorme

riqueza científica e económica. Existem, é certo, algumas medidas nesse sentido, mas a única espécie que, actualmente, está sob protecção, na região que percorri, é o hipopótamo, e agradou-me verificar a abundância de animais desta espécie, no M'Bridge e nas lagoas perto da sua foz.

Desde a eclosão do terrorismo, que a zona em causa se encontra ocupada pelo exército, pelo que deixou de se praticar aí a actividade venatória, por parte de caçadores profissionais e de outros que nem sequer merecem tal classificação, ficando, portanto, as espécies cinegéticas livres do seu principal destruidor. Houve assim uma trégua na perseguição das espécies, o que deve ter permitido o seu parcial restabelecimento numérico. Ouvimos quem se gabasse de ter destruído manadas inteiras de palancas (!), quem nos afirmasse «não ter morto mais palancas por não lhe apetecer» (*sic*), e outras tantas barbaridades, qual delas a mais grave.

As peças de caça abatidas pelos militares,



Cobra do mato

Sengue (*Varanus*)

Crocodilo do M'Bridge

Nenúfares (lagoa nas imediações de Ambrizete).
Fot. de R. Pinheiro Ferreira)





principalmente por necessidade, não constituirão, pelo seu número relativamente pequeno, qualquer perigo para a fauna (a não ser que incidam sobre animais ameaçados de extinção).

Sempre que abatíamos exemplares de grande porte (antílopes, pacassas, javalis, etc.) e outros mamíferos, eu aproveitava, quanto possível, pelos menos o crânio e a pele, que curtia com alúmen. As aves (mortas com caçadeira, pressão de ar ou espingarda de guerra) eram esfoladas e devidamente preparadas, para figurarem na minha colecção.

Os insectos eram mortos com os ingredientes de que dispunha na ocasião, desde o éter até aos insecticidas. Colocava-os, em seguida, em caixas com algodão e expedia-os rapidamente para a Metrópole. Lutei com grande dificuldade em obter recipientes e for-

Embondeiros (*Ambrizete*)

Surucucu (*Bitis gabonica*)

mol, e, assim, os animais que se devem conservar em líquido (répteis, anfíbios e peixes) não puderam figurar em grande número na colecção. No início das minhas colheitas expedi por avião alguns peixes para a Metrópole: injectei-os com formol e envolvi-os em algodão embebido nesse mesmo líquido, embrulhando-os em sacos de plástico, e o conjunto assim formado, encerrado numa forte caixa, chegou ao seu destino em óptimas condições.

Com todas as minhas colheitas constituí uma pequena colecção que actualmente se encontra em preparação e que tenciono oferecer ao Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage) da Faculdade de Ciências de Lisboa.





1

- 1 — Civeta
- 2 — Manguço
- 3 — Sofo
- 4 — Palancas



2



3



4

Garoupa vermelha (Cephalopholis)



résumé

Notes sur la faune du Nord-ouest de l'Angola

L'auteur décrit dans cet article les aspects de la faune de la région qu'il a parcourue pendant les deux ans qu'il y a séjourné, lors de son service militaire. Cette région est comprise dans le triangle constitué par les localités suivantes: Quinzau-Ambriz-Toto.

La mer qui baigne cette région est riche en espèces ichthyologiques. Les barracudas et les requins sont parmi les plus redoutables. Quelques poissons pénètrent loin dans les fleuves. Un mérou de 181 kg a été pêché dans l'embouchure du M'Bridge. Les tortues marines sont fréquentes sur le littoral et elles effectuent la ponte sur les plages.

La mangrove existe à l'embouchure des fleuves où il est facile de voir un grand nombre d'oiseaux aquatiques.

Jusqu'à près de 60 km vers l'intérieur, la région est peu accidentée. Elle est couverte de savana où s'élèvent des baobabs, des cactus, des acacias, des broussailles épineuses, quelques espèces de palmiers, etc.

Les antilopes sont très fréquentes. On compte parmi elles l'antilope cheval (*Hippotragus equinus*), les cobes et l'antilope guib. Les buffles et les potamochères sont aussi fréquents. Les crocodiles existent en grand nombre dans les fleuves et les lagunes de la région. On trouve des hippopotames surtout dans le fleuve M'Bridge et les lagunes voisines. Des bandes de flamants, de pélicans et d'aigrettes sont aussi très communes. On peut voir souvent des léopards quand on voyage pendant la nuit. Le *Gypohierax angolensis*, plus apparenté aux vautours qu'aux aigles, est très abondant.

Cette zone côtière est suivie d'une région de forêts humides qui atteignent leur maximum de continuité dans la région de Bessa Monteiro. On y trouve des éléphants. Les nids de termites, qu'on trouve dans la forêt, ont des formes curieuses (pagode chinoise, champignon, etc.), variant selon l'espèce.

De la «cordillère» du Quimabaia (près de Bessa Monteiro) jusqu'au Toto le sol est cou-

vert de savane avec des forêts le long des cours d'eau (forêt galerie). Près de Toto on trouve de petites plaines qui permettent de photographier et filmer les antilopes, de même dans la plaine de Mongatombe, près d'Ambriz.

La seule espèce protégée dans toute la région que l'auteur a parcourue est l'hippopotame.

L'auteur a constitué, avec les animaux qu'il a capturés, une collection qui est en train d'être préparée pour être offerte au Muséum d'Histoire Naturelle de Lisbonne.

Águia de crista (Lophoetes occipitalis)



- 1 — Perioftalmo
2 — Uca tangeri
3 — Paguro alojado numa concha de Ceritideo (Molusco)





*o que restava da expedição
que acompanhou o chefe
com cega confiança*